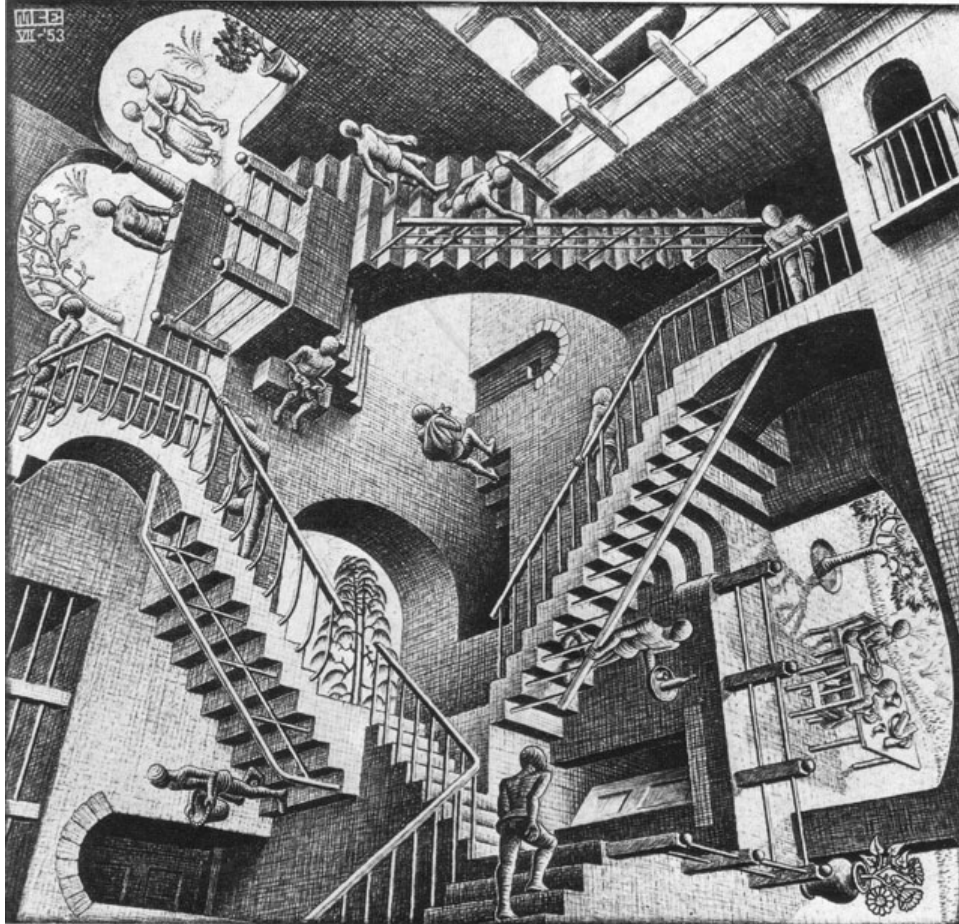


# O Barretinho



**Jornal Oficial do Centro Acadêmico Pereira Barretto**



---

Entrevista com  
paciente do Hospital  
São Paulo.

Pág. 3

---

---

Conheça melhor os  
calouros da medicina  
de 2007 no perfil da 75.

Pág.4

---

---

Para você fã de *300*:  
Entenda a relação  
entre a sociedade  
moderna e os  
espartanos.

Pág 5

---

---

Veja relatos sobre o  
ENEPS e a exposição do  
corpo humano.

Pág. 6 e 7

---

---

Leia crônicas, poesias e  
textos humorísticos.

Pág. 9 a12

---

## Editorial: O Barretinho não é um jornal imparcial

Olá, bom e velho e bom e novo leitor. Essa edição do Barretinho saiu realmente muito boa, destacando-se a variedade de textos com diferentes opiniões e visões de mundo, como bem representa o quadro de Escher, na capa, onde a noção de cima e baixo depende da visão de quem o observa. E começa com um editorial bombástico: nos assumimos parciais!!!

Por que o Barretinho não é imparcial? Simples, porque nossos textos são pontos de vista de uma pessoa sobre algum assunto. O texto da Lara sobre a exposição do corpo humano, por exemplo, não é a “verdade” absoluta sobre esse tema, mas sim um ponto de vista argumentado, a ser aceito ou refutado pelo ser mais importantes do ato jornalístico: você, leitor.

Parando um pouco mais para pensar, apesar de o Barretinho ser um jornal pequeno e humilde, sua produção não difere (exceto pelo jabá que não

cobramos) da produção da grande mídia jornalística ou televisiva. Alguém observa um fato e transmite o seu ponto de vista sobre este. Não existem verdades absolutas e, portanto, se demonstrar imparcial é no mínimo hipocrisia, esconder por debaixo do tapete todos os vieses dos meios de comunicação.

Mas ao contrário de se assumir, com orgulho, parcial, a grande mídia prefere dizer-se imparcial, ou seja, dizer que tudo que ela própria fala é verdade e tornar a população que acredita nisso, seres facilmente manipulados e moldados pelas suas mãos.

Assim, deixa-se claro que o Barretinho não é imparcial. Não encarem nossas notícias nem as notícias da grande mídia como verdades. Esperamos que tenham uma boa leitura e estamos abertos, diferentemente dos grandes meios de comunicação em massa, à contra argumentações.

A Edição

### **Herrar é Humano:**

O Jornal pede desculpas a Alyne Bastos (T.75), por ter escrito de forma incorreta seu nome na edição passada e a Felipe Garcia (T.74), por ter deletado um dos versos de seu poema, massacrando a estrutura do soneto e pelo erro de digitação na palavra “véu”.

Todos os textos assinados vinculados por esse jornal são de responsabilidade de seus escritores.

Edição: Stênio (T.74)  
Revisão: Silvane (T.74)  
Colaboração: Avelino (T.71); Marina (T.74); Silvane (T.74); Lílian (T.71); Felipe Garcia (T.74); João (T.75); Bruno (T.74), Lara (T.74) e pessoas anônimas que tornam nosso Jornal mais feliz.

### **Índice:**

Depoimento de paciente do HSP	Pág. 3
Projeto calouro on-line	Pág 3
Perfil da Turma 75	Pág. 4
“Atenas e Espartanos”	Pág. 5
“Gente que aprende com a gente”	Pág 6
Exposição do Corpo Humano	Pág. 7
Universidade nova	Pág 7 e 8
“Sons – de musica, de grito de desabafo.”	Pág. 9 e 10
Sarau	Pág 11 e 12
Humor	Pág 12

Existem coisas que só o Barretinho faz por você e novamente, com o protagonismo jornalístico necessário, conseguimos o relato de um paciente que ficou internado 6 dias no HSP, com todas suas impressões.

## Relatos de um Paciente do Hospital São Paulo

Ficar internado não é fácil, pode apostar. No entanto, foi uma experiência valiosa, se colocar do lado do paciente quando estamos acostumados a brincar de médicos na enfermaria.

É claro que esse texto apresenta um viés enorme, sou acadêmico da instituição e por esse motivo recebi um tratamento diferenciado, tendo muitos privilégios (por exemplo, consegui uma Ressonância Magnética em 2 dias, existem pacientes que precisam esperar mais de um mês).

Minha experiência pode ser dividida em três espaços: sala da dor torácica, UTI e Enfermaria da Cardiologia.

Na sala da dor torácica, fui sempre muito bem tratado, mas já pude perceber três angústias da vida de qualquer paciente. Primeiro, exame não tem hora, ou seja, quando estiver disponível, não importa se você estiver no banho ou dormindo, é sempre agora. Segundo, talvez a pior parte de ficar internado seja a solidão, os horários de visita são rígidos e pouco flexíveis, muitas vezes, os funcionários são até ríspidos com seus familiares, minha vida foi muito facilitada, bastava um crachá para que meus amigos pudessem me ver, mas se eu não fosse da instituição tenho certeza que a ausência de pessoas queridas seria um fator complicador. Por fim, mas não menos importante, a dieta é um problema sério, inclusive suas inúmeras

variações (jejum, dieta leve, dieta hipossódica), pode acreditar que não é fácil para ninguém suportar a dieta por muito tempo.

A UTI, com certeza, é o pior lugar. Dada à necessidade maior de cuidados, visitas são restritas, a luz nunca apaga e o único ruído que se escuta são as máquinas apitando, "de enlouquecer". Depois disso, a enfermaria é quase um hotel de luxo, com televisão, luz apagada e pouco ruído.

Saí dessa experiência com três lições principais:

1. A melhor biblioteca do mundo é o hospital, não existe nada para fazer, leitura talvez seja a única opção de lazer.
2. É muito difícil tomar banho com um desconhecido te observando, verificando se você não irá perder a

consciência.

3. Temos sempre que respeitar as angústias do paciente, por mais que pareçam tolas, e manter os familiares sempre bem informados. Podem acreditar, internação é uma pancada enorme na pessoa e em todas as pessoas ao seu redor, e o fato do nosso hospital ser universitário não pode servir de desculpas para retirar a autonomia do paciente.

"...talvez a pior parte de ficar internado seja a solidão, os horários de visita são rígidos e pouco flexíveis.."



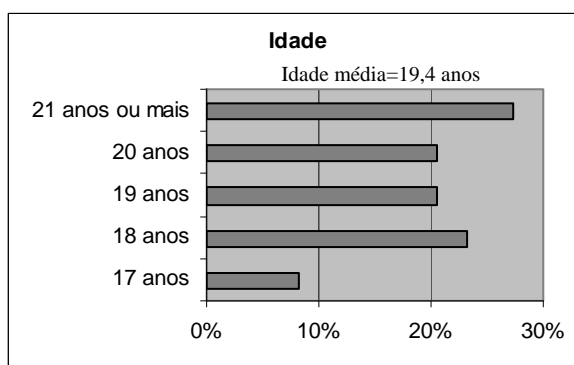
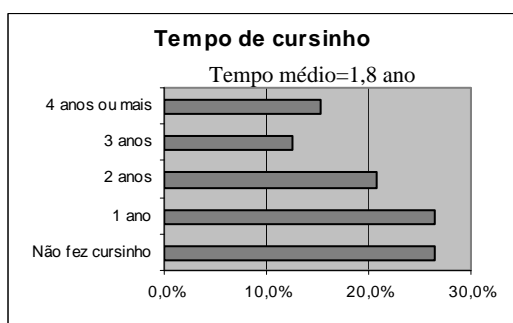
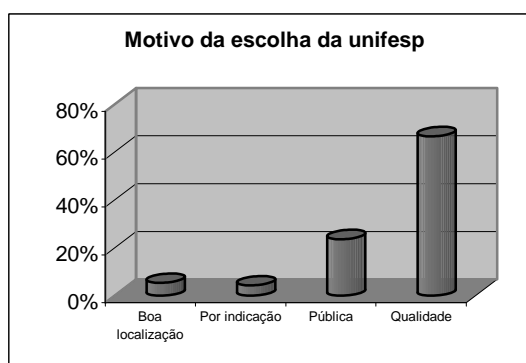
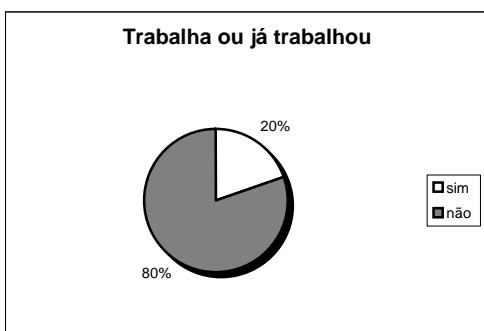
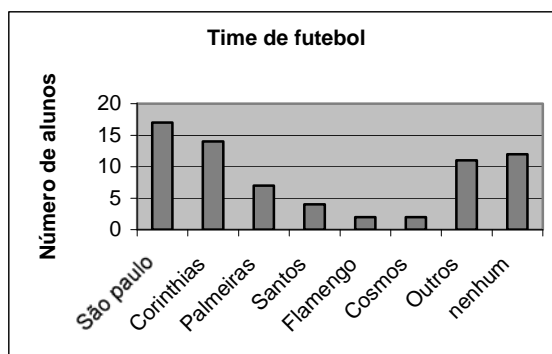
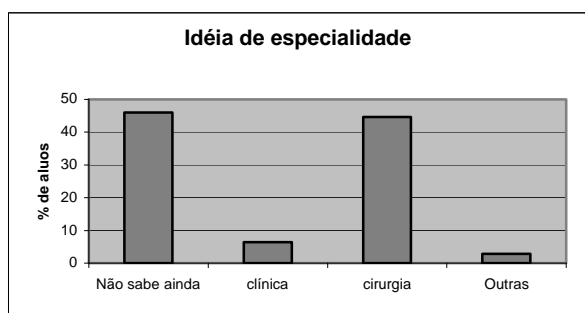
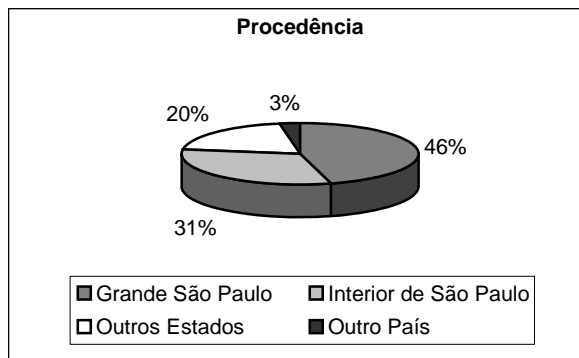
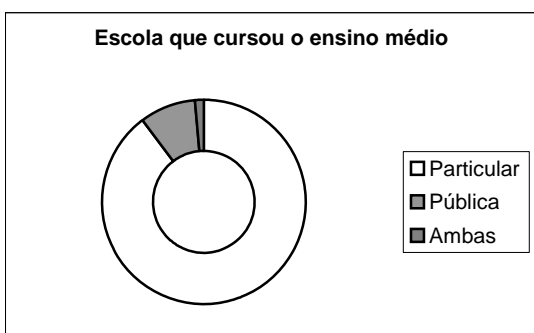
### Projeto Calouro On-line é sucesso!!!

**Calouros avaliaram positivamente o projeto do CAPB que visa a introdução do acadêmico de primeiro ano de medicina à pesquisa em base científica e faz a integração entre veteranos e calouros.**

A frequência dos participantes foi bastante satisfatória. Foram feitas 34 inscrições e ao final do período de aulas contabilizamos a presença de 50 alunos. Os comentários registrados pelos acadêmicos foram bastante satisfatórios, denotaram o aprendizado de pontos importantes do conteúdo: "A publicação MeSH é feita somente para aqueles que tiveram essa aula. Caso contrário, sua existência passaria despercebida." (Fábio Matsumoto). Os calouros sugeriram formas de melhorar o projeto nos próximos anos através de sugestões, principalmente o aumento da carga horária do curso: "O curso tem que durar mais! Uma hora foi muito rápido! No mais, está ótimo!" (Carla de Lima) e "Precisa de um pouco mais de tempo." (Daniela Oh).

## Página dos calouros: perfil da 75

- ⇒ 81 alunos dos 120 responderam ao perfil;
- ⇒ Dos entrevistados, 53 eram de sexo masculino e 28 de sexo feminino.
- ⇒ 6,2% dos entrevistados alegam já terem participado de grêmio estudantil;
- ⇒ O “calouro-padrão” (dados baseados nos resultados mais frequentes nas pesquisas) é de sexo masculino, da grande São Paulo, tem 18 anos de idade, nunca trabalhou e escolheu a UIFESP devido à sua qualidade.
- ⇒ Dos alunos da capital, 44,4% são da zona sul, 18,5% da zona norte e igual fração da zona oeste. 14,8% são da zona leste e apenas 3,7% são do centro.



## Atenienses e Espartanos

Muita gente já deve ter assistido **300** no cinema e aproveitando o mote do filme, resolvi fazer um paralelo com nossa sociedade atual.

Assim, destaca-se que a sociedade ateniense, mesmo com todos seus problemas (sociedade machista, excludente, desigual) era uma sociedade que admirava os pensadores, que valorizava a contestação, que procurava se informar dos assuntos e refletir sobre os mesmos. Ao mesmo tempo, apesar de Esparta permitir um maior papel de participação feminina e apresentar um grupo mais coeso, seus habitantes eram treinados para serem soldados, com uma luta baseada muito mais em hierarquia do que propriamente em reflexão, combatendo até a morte por idéias que muitas vezes os soldados não tinham a menor noção do que se tratava.

Pois bem, essa dicotomia prevalece até hoje (prevalecendo às mudanças estruturais resultantes do processo histórico), tanto em micro estrutura, quanto em macro estrutura.

Nosso país hoje valoriza muito o estilo de vida espartano, devemos ser um grupo coeso, devemos ser solidários, devemos ser subservientes, devemos receber informações mastigadas e principalmente devemos nos guiar pelo senso comum, seja ele determinado por uma imprensa privilegiada e manipuladora, seja determinado pelo lobby de grandes empresários e investidores.



Nossa instituição não foge do estilo, muitos valorizam o direito de não pensar, de não participar ativamente da construção de sua própria universidade. Contentamos-nos apenas em ser mais um de um exército, defendemos idéias que não são nossas e fingimos que problemas não acontecem na UNIFESP. Lutamos contra a causa dos nossos docentes que muitas vezes lutam pela melhoria do ensino público e não conseguimos lutar nem pelo direito de ter moradia no nosso campus. Mas gritamos e permanecemos orgulhosos como bons espartanos que somos.

E o que acontece quando você tenta sair do "exército"? Você passa a ser rotulado (rebelde sem causa, arruaceiro, comunista, anarquista, entre outros adjetivos utilizados). Resumidamente, nos encontramos em uma sociedade em que é ruim pensar. Quantos sabem sobre a Reforma Sindical, quantos já leram sobre a Reforma Universitária, quantos sequer desconfiam que essas reformas são extremamente favoráveis aos grandes empresários e colocam a maior parte da população brasileira em uma situação de desamparo intenso? Mas lembre - se, não acredite em mim, procure ler sobre esses assuntos, procure refletir sobre os mesmos e construir sua própria opinião, mas pare de fingir que isso não é importante para você, pare de se informar apenas sobre visita do Papa e Pan do Rio, deixe de ser massa de manobra, procure ir além do pão e circo oferecido (já que estamos falando de antiguidade), pare de olhar apenas o reflexo na parede da caverna (já que estamos falando de gregos).

## Gente que aprende com gente

*Sobre a experiência de participar do III Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde, nos dias 09, 10 e 11 de março, na Universidade Federal de São Carlos.*

Sobre o ENEPS? Senti a descoberta de um mundo novo. A começar pelo campus lindíssimo, que já me fez parar para refletir sobre a minha própria qualidade de vida. O que estou fazendo de mim me enfiando nos livros, me exigindo milhões de coisas ao mesmo tempo, me perdendo dos meus sonhos, da minha essência? Senti a ânsia da liberdade.

Depois da primeira impressão veio o mini-curso de Extensão Popular. Os paraibanos ensinando horizontalmente uma forma mais bonita de fazer extensão, teorizando e filosofando aquilo que a gente vê na prática em alguns dos nossos projetos aqui da Escola. De repente eu vou me encantando e me apaixonando por cada sorriso, cada olhar, cada palavra cheia de coragem, “amorosidade”, idealismo. E me vejo defendendo firmemente um propósito que eu nem conhecia, embarcando naquele mundo de imensas possibilidades, me reencontrando dentro dos meus verdadeiros ideais. Tenho certeza de que posso ser mais!

Tivemos momentos em que todos juntos nos abraçamos, fazendo arte, trocando saberes, colorindo e “malabarizando” a nossa formação acadêmica. Pudemos perceber o sentido realmente significativo de estarmos na Universidade, é muito mais do que qualquer anfiteatro pode nos ensinar, transpõe todos os muros. Diante disso temos que erguer a voz e dizer que seremos mais, seremos profissionais cheios de subjetividade e de encantamento, cheios de luta e de coragem, seremos agentes

transformadores desse mundo robotizado, objetivista.

Do contato humano: do abraço, do toque, da ciranda; da música; da exposição de trabalhos de gente como a gente; do diálogo; da convivência; do exemplo; da pluralidade... de tudo, quanta coisa pude trazer. Cada pequena reflexão guardada com muito zelo e cuidado, uma sementinha que começa a germinar tímida, insegura, mas que procura avidamente por raízes em que se sustentar. E para isso tem o apoio dos amigos, o espaço da Universidade, a teoria de Falcão, as experiências de Eymard, uma enorme chama de esperança e mais a sede do conhecimento.

A volta à realidade nos lembra agressivamente da luta, das burocracias, de uma série de coisas que totem a nossa liberdade de criar, de expressar nossas emoções. Mas ao mesmo tempo nos dá a certeza de que podemos fazer diferente, escrever uma nova história individual e coletiva, acrescentando à Universidade tudo o que conquistarmos como seres humanos e profissionais.

Acredito, com convicção, que esses encontros são capazes de abrir nossa mente e nos fazer voltar os olhares para o que somos capazes de construir juntos. Para alimentar nossos sonhos de realidades próximas. Para descortinar um mundo novo a cada gesto, impossível de se conseguir numa página de livro. Porque somos gente, gente que aprende com gente.

**Marina (T.74)**

Texto sobre a Exposição do **Corpo Humano- Real e Fascinante**

## **Real e Fascinante... Mas será que é certo?**

Cadáveres... São gente?!?  
Com a vida perderam o poder sobre seus próprios corpos. E agora, a quem pertencem?

A idéia de pessoas ganhando dinheiro com a manipulação de cadáveres humanos me pareceu comércio de corpos, de pessoas mortas. Além de achar chocante a imensa procura por salas cheias de cadáveres – meio mórbido, macabro – a morte não me parecia algo bonito ou atraente.

No entanto, ao entrar na exposição e perceber a reação das pessoas percebi que a curiosidade não é sobre a morte, e sim sobre a vida. A animação de descobrir e pensar com um pouco mais de clareza o seu próprio funcionamento encanta as pessoas e eu imagino o impacto que isso pode causar.

A exposição às vezes faz brincadeiras desrespeitosas, como no cadáver que segura seu próprio estômago, mas já não vejo mais problemas com a exposição dos corpos, pois, apesar de não ter finalidade científica, produz conhecimento

e estimula as pessoas. Dividir o conhecimento de anatomia (às vezes os monitores erravam, o que deixava meus colegas monitores de anatomia da faculdade um pouco bravos, mas sem grandes problemas) não se trata de expor o corpo de pessoas, mas de abrir um novo horizonte para a população que não trabalha com saúde.

Mantenho ainda alguns dos meus questionamentos sobre a realização desse trabalho. Será que esses corpos foram mesmo doados pelas pessoas em vida, se considerando a realidade de um país como a China? Sobre os fins lucrativos, sempre discordarei de um homem ganhando dinheiro sobre outro, mas até aí, já é meu problema com o capitalismo e nada tem a ver com a exposição.

Vale a pena disseminar conhecimentos, e vale a pena levar amigos (principalmente crianças) na exposição, desde que tudo isso seja feito com ética e respeito pelas vidas que já habitaram aqueles corpos.

**Lara Arantes (T.74)**

A exposição foi feita por Roy Glover e esteve em exibição na Oca, no Parque Ibirapuera.

## **UNIVERSIDADE NOVA**

Apresentado em 29 de setembro de 2006 pelo atual Reitor da Universidade Federal da Bahia, Prof. Dr. Naomar Monteiro de Almeida Filho, o Projeto da Universidade Nova propõe profundas alterações na estrutura da UFBA. Ele vem acompanhado de um Decreto Presidencial (DECRETO N o 6.096, DE 24 DE

ABRIL DE 2007) que estimula e favorece financeiramente as universidades que adotarem esse modelo de estrutura. Tem ocorrido diversas apresentações do projeto nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), inclusive na UNIFESP.

Baseado em projetos anteriores do Brasil de estrutura de universidades (de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro) e no Tratado de Bologna (assinado em 1999

Mas, o ponto mais controverso do projeto é a formação do bacharel interdisciplinar, que, segundo o próprio Prof. Naomar, não tem função no



por vários países europeus) o projeto prevê a implantação de um regime de três ciclos de formação universitária. Esses ciclos incluem um bacharelado interdisciplinar (primeiro ciclo), um estágio de formação profissional em licenciaturas ou carreiras específicas (segundo ciclo) e uma formação acadêmica científica ou artística da pós-graduação (terceiro ciclo). Haveria quatro bacharelados: humanidades, artes, tecnologias e ciências, que seriam pré-requisitos para a entrada no segundo e terceiro ciclo. O ingresso dos estudantes na universidade se daria por grandes áreas e não mais por curso e o prosseguimento para os ciclos subsequentes por seleção, baseada no desempenho do estudante durante o primeiro ciclo.

Alguns dos principais objetivos alegados para a implantação do projeto são: o aumento na oferta de vagas nas IFES, reduzir a taxa de evasão média para abaixo dos 10% e aumentar a razão Professor/Estudante de aproximadamente 10 para 18, ou seja, significa praticamente dobrar o número de alunos nas IFES utilizando-se praticamente dos mesmos recursos para a manutenção das atividades dos campi (o aumento de verbas prometido se refere a um aumento de 20% no Orçamento de Custeios e Capital), o que resultará possivelmente na precarização das condições de trabalho do docente-pesquisador, suprimindo de vez a vocação de criadora de conhecimento da Universidade. Além disso, o aumento das vagas inclui somente o bacharelado interdisciplinar, não havendo garantias de que após cursar os três anos o aluno poderá ingressar em alguma carreira específica.

mercado. Esse curso não capacita o cidadão para exercer nenhuma profissão, e no caso de a pessoa não seguir para o segundo ciclo, pode representar algo pejorativo no currículo, além de ser um “desperdício” de tempo para o estudante que pretendia se formar em alguma profissão. O bacharel também representa um gasto do dinheiro público com a formação de um indivíduo que não terá repercussão para a sociedade.

Por outro lado, apesar de não resolver o problema da elitização da educação superior pública, a proposta de uma seleção sequencial, que leve em consideração não apenas um vestibular pontual, mas sim uma seleção por meio de diversas formas de avaliação como trabalhos, seminários, iniciações científicas, atividades de extensão e provas se mostra muito mais avançada e proporciona ao estudante a oportunidade de optar ao longo dos três anos pelo curso que deseja cursar, evitando a precocidade da escolha da carreira profissional e a evasão.

Enfim, existe a necessidade de reformar o modelo de ensino superior brasileiro com certa urgência, no entanto um projeto de Universidade Nova deve vir da ampla discussão entre a sociedade e o governo, garantindo-se que todos que ingressem na universidade tenham a oportunidade de cursar um ciclo profissionalizante (não se formando bacharéis em nada), que não se eleve tão significativamente a razão professor/aluno e que haja a garantia de mais verbas para as IFES para viabilizarem não só a implantação, mas também a manutenção da nova estrutura.

**Bruno Funchal e Lara Arantes (T.74)**

## Sons – de música, de grito, de bicho, de desabafo.

“Eu ando pelo mundo prestando atenção em cores que eu não sei o nome...” Tenho respirado essa música ultimamente. Foi inevitável, a melodia é gostosa, a voz da Adriana Calcanhoto passa uma tranqüilidade que não existe em meio aos carros e prédios de São Paulo, pelo menos não que eu saiba. Fui me apaixonando, e apesar de já ter tido pelo menos uns oitenta e nove encontros com “Esquados” antes, eu praticamente nunca a tinha notado. Talvez tivesse ocupada demais compondo a trilha sonora de outro momento da minha vida, sei lá.

Até aí eu não tinha feito ainda o exercício de deixar a música entrar, verdadeiramente entrar, mexer em mim. Aliás, eu não sabia da capacidade de reboição dessa música. Como eu disse, ela é muito “bonitinha”. No mínimo, pra causar, ela tinha que vir vestida de Chico Buarque, cheia de significados subentendidos, obscuros, e não vir disfarçada em uma vozinha suave, com ar de musiquinha romântica pra adolescente. Me surpreendi quando decidi um dia realmente ouvi-la. E foi como um encontro com certos monstros interiores, sentimentos que eu fingia não ver, que eu achava que não me incomodavam mais. Resolvi despedaçar a letra, em fragmentos cheios de sentido e emoção.

“Eu ando pelo mundo divertindo gente, chorando ao telefone...”. Comecei a me enxergar andando por esse mundo. Amanhecendo na loucura que é a vida cotidiana de vir pra faculdade, passar pelas pessoas, caminhar desesperadamente apressada ou vagarosamente de saco cheio. Ir andando, sem nexos, sem contexto, sem noção, sem me dar conta do que está à volta. Rindo, dando “Bom dias” vazios, só por dar, por convenção, por que é isso que se fala ao entrar no elevador, por exemplo, prum senhorzinho X, que mora ao lado, mas que é indiferente. Afinal, ele só está no elevador, só está compartilhando daqueles trinta segundinhos entre o décimo segundo andar e o térreo. E parece mesmo que o dia só começa quando eu entro na aula, e ele – o dia – caracteristicamente vem com aquela

sençãozinha de que já tá na hora de acabar. É assim que o reconheço. Talvez eu volte logo pra casa e pegue o elevador sem ninguém. Não sei. Mas se o senhorzinho X, ou o Y, de repente, estiver lá de novo, eu não vou nem me dar conta direito. Não sei o nome dele, não sei o que ele faz, que história ele traz naquelas rugas espalhadas por todo o rosto. É, eu estou ocupada demais pra me interessar por isso, tenho que subir correndo (o elevador podia ir em dez segundos, não em trinta), tenho que entrar em casa, no meu mundinho particular, nas minhas obrigações intermináveis – estudar, estudar, estudar. Quem sabe eu ligue pra alguém, e chore por uma besteira qualquer. Ou talvez eu apenas lembre de uma piada bobá que ouvi um amigo contar e comece a rir, sozinha. Sozinha, sempre sozinha.

Ah! Esqueci de colocar no começo do parágrafo de cima o restinho da frase... “Eu ando pelo mundo divertindo gente, chorando ao telefone e vendo doer a fome nos meninos que têm fome...” Ando mesmo esquecida ultimamente. Será que é a idade? Não sei... Ando esquecida de coisas que antes me eram tão... Óbvias. Tão essenciais. Acho que esqueci um pouquinho de mim, de quem eu queria ser, de meus sonhos passados, de meus antigos desejos futuros. Certeza que é a idade!! Deixei de ser criança... Como eu já disse, eu vou passando pelos dias sem mais dar sentido algum a eles. E sem enxergar mais o mundo que eu queria mudar, quando eu crescesse. Será que eu já cresci e não percebi, e não me tornei aquilo que eu costumava querer ser? Eu não me culpo, não... A gente vai sendo carregado pela corrente da rotina, e vai mesmo esquecendo, se ocupando de outros projetos mais urgentes. Transformar o mundo dá muito trabalho, demanda tempo, além de ser meio abstrato. Não tem hora marcada, não dá pra pôr na agenda, ou no bip pro celular apitar quando faltarem cinco minutos pra ir fazer.

Se bem que, voltando à música, àquela parte que eu tinha esquecido de colocar, de vez em quando eu dou um pão, ou um trocado, pra esses meninos que eu vejo doer a fome, no sinal com a

mãozinha estendida e a carinha triste. Não é assim que a gente faz pra ter a impressão de que está se importando com as dores dos outros, com as feridas do mundo? Como se um pão fosse suficiente pra fechar a tal da ferida... Mas eu fiz minha parte, não fiz? Não... Não fiz. Não estou fazendo. Esqueci de me importar, de verdadeiramente ver, de sentir, de indignar, me indignar.

“Pela janela do quarto  
pela janela do carro  
pela tela, pela janela  
(quem é ela, quem é ela?)  
eu vejo tudo enquadrado  
remoto controle”

Já que eu já comecei a revelar reflexões interiores, sentimentos meus e coisas particulares, vou contar sobre um texto que eu li uma vez, meio que o prefácio de um livro. Era de uma menina, Lia Haikal, estudante de medicina, que falava de um dia em que ela acordou e se deu conta de que dentro de si vivia um bicho. Aham, estranhíssimo, também achei na hora. Ela dizia que o bicho que morava dentro dela (e, detalhe, ela não tinha se dado conta ainda), amanheceu querendo gritar!! Tava revirando no estômago, entalado na garganta, exigindo sair, como se tivesse de repente despertado e não pudesse mais esperar. Que raio de bicho era esse? Ela acabou não revelando, não diretamente. O bicho não tinha nome, não tinha forma, não tinha nem dado aviso prévio de que ele existia. Talvez tivesse sinalizado uma vez ou outra, num ou outro auto exame de consciência, num relato endurecido das relações médico-paciente, numa raivinha pela passividade do mundo, numa lágrima pela história de vida sofrida de alguém. Mas ele nunca tinha gritado, desabafado, implorado tanto pra sair.

Enfim, contei isso pra dizer que, ouvindo a música, acabei descobrindo uma coisa: todo mundo tem um bicho desse dentro de si. Todo mundo, invariavelmente. Não sei o tamanho do bicho, a intensidade da sua voz, a

potência do grito, a sua motivação de existir, seu alimento, sua capacidade de ação. Não importa. Só sei que ele existe, que se você revirar direitinho vai ver que ele está aí.

Meu bicho acaba de gritar. Acaba de me fazer deixar de dormir, deixar de estudar Biomol, deixar de procurar qualquer outra ocupação, de ir checar na agenda a minha disponibilidade. “Posso sair?”, ele nem perguntou. Meu bicho acaba de se manifestar, de se fazer presente, de me lembrar que o mundo está aí, e quanto mais eu repito a música mais ele se liga em partes como “eu ando pelo mundo e os automóveis correm para quê?”, “eu quero chegar antes pra sinalizar o estar de cada coisa”. Meu bicho me mandou olhar de novo as cores desse mundo preto-e-branco. Um mundo que tem cores, sim, eu é que tinha esquecido. Tem movimento, tem gente, tem histórias, tem emoção. Meu bicho me mandou olhar as pessoas na rua e ver seus olhares, seus sorrisos, suas expressões. Meu bicho mandou eu ser mais sensível, mais humana, mais feliz por ser tão feliz. Me fez sentir mais responsável pela realidade, mais mexida com a dor do outro. Me fez sentar aqui agora e não ficar encabulada em tentar despertar também o bicho dos outros... Ele foi gritando e eu fui escrevendo, transformando em palavra, com o rabisco no papel em branco, a sua motivação.

Daqui em diante não sei dizer mais nada. Externalizei sentimentos, finalmente, sem medo, sem vergonha de mim! Não costumo me preocupar tão pouco assim com o que os outros vão pensar, me surpreendi comigo mesma, com a falta de preocupação com o tamanho do texto, com a intensidade de sentimento que pra mim ele representa. Será que foi a música da Adriana Calcanhoto? Ou foi o bicho? Foi tudo junto.

“...Exponho o meu modo, me mostro, eu canto pra quem?”

**Silvane (T.74)**

## Sarau

### Cansei de viver a cultura da minoria

Cansei de viver a cultura da minoria. Pois a minoria somos nós, portadores e reprodutores do capital. E a maioria? A maioria é malograda e rasteja por veias de minha cidade como vírus.

Nas veias também correm hemácias: eu, você e nossos automóveis.

Corre a imunidade. Os macrófagos que são a polícia. Os demais leucócitos da organização e do desprezo pelos vírus.

Quem vence?

A maioria, geralmente vence. Ela e sua cultura planificada, única. Coordenada por cânceres já metastásicos.

Tenho medo!

Seria a vacinação o melhor remédio? Impedir o nascimento de novos párias? Buscaremos nossa perpetuação na histamina ou na cortisona?

Em nossos rios, corre unicamente merda. São intestinos. E o mar um enorme vaso sanitário sem descarga.

Vírus são organismos não vivos. Dependem do metabolismo de outrem

como forma de reprodução. E se reproduzem para...se reproduzir.

O resultado: destruição do que fora vivo e sua conversão em matéria não-viva: novos vírus.

Não consigo pensar em nada mais vivo que um rio, que o mar. Não consigo pensar em nada mais virulento que eu mesmo. Cujas únicas razões de existência estão em existir e deixar que outros como eu, existam. Tão virulentos e mórbidos.

Tenho medo de onde a jornada da destruição nos levará.

Quando a doença mata o infectado, morre com ele a própria doença. Ou esta resiste adormecida para futuros infestados.

Resta para mim o desejo de me tornar um câncer e salvar a vida que ainda existe em nosso agredido planeta terra.

Resta para mim, a felicidade de lembrar que o sistema histiocitário deste ponto azul e flutuante possui o melhor dos anticorpos: o tempo.

**João (T.75)**

### A Bóia

Alto mar. No meio do imenso nada, bóia, nada uma bóia. O azul do céu confunde-se com o azul do mar e, sem perceber a diferença, a bóia segue cega, indiferente. Ora a maré a leva para lá, ora para cá, sempre para nenhures. O fluxo do fluido é incompreensível, complexo para quem bóia. O ritmo constante: chuí, chuí, sei lá.

Eterno sobe-e-desce-sobe-e-desce-sobe. O estático movimento mascara a solidão. Ser irracional, a bóia não tem como fugir do nada, nem teria como. Terá como? O úmido deserto é o infinito, muito mais que o infinito: o instantâneo. Nada que é eterno tem valor ao ser boiante, águas passadas são esquecidas (e absurdamente iguais às presentes).

As profundezas são obscuras. O céu, profundo. A esperança é verde, o mundo é azul. Pouco importa ao mar quem bóia, o importante é que boiem, o impossível é que não boiem. Todas as leis da física parecem querer tornar a bóia um ser boiante.

Mudando a situação um possível happy end parece aparecer. A sombra da praia é traçada no horizonte, no vertizonte de uma verde vertigem. Seria a praia verdadeira ou enfim surgia um oásis seco? A bóia se anima, se animaliza, se humaniza. Fede no ar a fé de sua esperança.

A praia mais perto, mais perto, mais longe? A correnteza muda de direção. O sonho de liberdade se torna um sonho. Psicose paranóide do ovóide boiador. Ilusão provocada pelo mar, que carece ver a bóia alucinada, enganada, distante de seu fluir. Próxima de seu fluir, sem, contudo, entendê-lo.

Continua então a bóia a cumprir a sua senóide sina. Sem esperança. Esperando uma nova esperança, até o dia em que irá se esvaziar, afundar, tornar-se mais um produto não biodegradável poluindo o lindo negro mar dos navios petroleiros.



**Stênio (T.74)**

## Desalento

Difícil conviver com essa dúvida,  
Dolorosa fica a realidade  
Espectros rondam a felicidade  
A amedrontar na noite fria e úmida

A chuva arcabuzeia minha mente,  
Enquanto meu espírito põe-se a chorar.  
Procurando respostas a Lhe dar,  
Desfazer-se da gélida corrente

Fui abandonado pela consciência,  
Em estado comatoso fiquei.  
O tempo parou nesta minha ausência

Comigo deti-me, embriaguei.  
Qual caminho conterà a sapiência  
Para encontra o abismo onde me  
[abandonei?

**Felipe Garcia (T.74)**

## A distância

Amor infinito,  
Que tristeza cerra em meu peito  
Quando a distância nos separa

Você é tão Lindo, tão perfeito  
Que sinceramente não sei se o mereço.

Amor, Lindo amor  
Você é tudo que eu sempre quis,  
Minha jóia rara.

Gostaria de tornar infinito  
O que sinto, pois é tão belo  
Tão terno e me faz feliz.

Que pena que você está longe  
Só isto me deixa triste  
Te amo tanto!

**Lílian (T.71)**

## Humor



## Silogismo:

Deus é amor.  
O amor é cego.  
Steve Wonder é cego.  
Logo, Steve Wonder é Deus.  
Disseram-me que eu sou ninguém.  
Ninguém é perfeito.  
Logo, eu sou perfeito.  
Mas só Deus é perfeito.  
Portanto, eu sou Deus.  
Se Steve Wonder é Deus,  
eu sou Steve Wonder!!!!  
Meu Deus, eu sou cego!!!

